

Maçonaria Operativa: um estudo sobre as possíveis origens da maçonaria

Marcel Henrique Rodrigues¹

RESUMO

Este trabalho apresenta uma investigação sobre as possíveis origens da Maçonaria, tema este que causa bastante polêmica e discussões, tanto nos meios acadêmicos como no público em geral. A falta de documentação científica dificultou a pesquisa, mas não impossibilitou sua realização. A temática do trabalho consiste em ponderar a hipótese mais plausível para as origens da Maçonaria, especificamente a Maçonaria Operativa, que construiu diversos monumentos em estilo Gótico na Europa Medieval. O trabalho faz uma distinção entre a Maçonaria Operativa e a Maçonaria Especulativa, tal qual temos hoje, com o objetivo de demonstrar a necessidade de maiores estudos da temática que está enraizada nas Ciências Humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Maçonaria operativa; simbologia; arquitetura; história

ABSTRACT

This paper presents an investigation into the possible origins of Freemasonry, a topic that causes much controversy and discussion both in academia and the public in general. The lack of scientific documentation hampered the search, but not prevented its realization. The theme of the work is to consider the most plausible hypothesis for the origins of Freemasonry, specifically the Operative Freemasonry, which built several monuments in Gothic style in Medieval Europe. The paper makes a distinction between Operative Masonry and Speculative Masonry, like we have today, with the objective of demonstrating the need for further studies of the subject that is rooted in the Humanities.

KEYWORDS: Operative Masonry; symbology; architecture; history

Introdução

O interesse pelo estudo da Maçonaria, tal como se apresenta aqui, surgiu com estudos prévios sobre simbologia. O intrincado universo simbólico de cunho oculto, o fascínio e o não entendimento do público, de modo geral e ainda a falta de estudos científicos na área foram elementos incentivadores para a consecução de um projeto de pesquisa².

¹ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano- Unisal; membro da ABHR. E-mail: marcel_symbols@hotmail.com

² O presente artigo é parte dos resultados de pesquisas realizadas com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.

O artigo não discorrerá sobre a Maçonaria moderna, mas sobre as possíveis origens de tal fraternidade, em um mergulho no universo das Catedrais medievais e de seu simbolismo, percorrendo aquilo que, empiricamente, podemos atestar como sendo a essência da moderna Maçonaria

1 Cenário científico para a execução da presente pesquisa

Sabemos que a simbologia está atrelada ao fenômeno religioso, ainda que existam religiões que não possuem motivos simbólicos em seus meios (RODRIGUES, 2013). Com o avanço do estudo entre simbologia e religião, sobretudo no cenário do Catolicismo, e do aprofundamento nos estudos em Psicologia da Religião, começamos a adentrar no cenário do misticismo e do esoterismo que está permeado de simbologia religiosa das mais diversas culturas.

Entretanto, uma dificuldade se mostrava pelo caminho: como estudar um tema tão controvertido, como a Maçonaria, através de meios científicos? Outra questão permeava a dificuldade em se estudar sobre aspectos místicos e esotéricos com um viés científico. Ora, tal dificuldade já havia sido apresentada no início dos estudos sobre simbologia religiosa. Entretanto, em se tratando de Cristianismo, a quantidade e a qualidade dos materiais científicos não são de difícil pesquisa, visto os bons cursos de Teologia e de Ciência da Religião existentes no Brasil e que produzem extensos trabalhos. O estudo do simbolismo esotérico e da própria fraternidade maçônica tomou um rumo dificultoso, já na própria formação do projeto de pesquisa, devido à falta de investigações existentes.

A investigação, de modo geral, tinha como objetivo entender o preconceito existente em torno da Maçonaria que, muitas vezes, fôra julgada como satânica. Como já tínhamos um material, mesmo que prévio, sobre o estudo da simbologia religiosa e sendo a Maçonaria uma fraternidade

permeada de símbolos, ocorreu a ideia de que algumas respostas poderiam ser obtidas através do estudo dos símbolos, o que de fato foi feito.

Como metodologia, utilizamos referências bibliográficas, além de visitas técnicas em diversas igrejas espalhadas pelo continente europeu. Tais referências foram buscadas com cuidado analítico, priorizando autores consagrados na área de estudos simbólicos. A problemática do preconceito em relação à Maçonaria será explorada em seu aspecto histórico, em seu enraizamento na cultura, através do estudo da chamada Maçonaria Operativa.

O início deste artigo, em que expomos dificuldades para o encontro de material científico sobre a temática, já ilustra a necessidade de maiores estudos nesta área, que abrange uma das constituições mais significativas do universo cultural da humanidade: os símbolos religiosos e místicos.

1.1 A simbólica e a construção das catedrais medievais

São bastante conhecidas e referenciadas as catedrais medievais espalhadas, sobretudo na Europa. Como afirma Campbell (2010), o homem medieval era dotado de uma profunda espiritualidade religiosa, sendo este um elemento muito fecundo e importante para a construção das mais belas e decoradas igrejas por toda a Europa. Muitas destas magníficas obras estão em países como França, Espanha, Inglaterra e Itália. As mais famosas remetem, por exemplo, a Notre Dame de Paris, ilustrada na Figura 1. A citada catedral talvez seja o exemplo máximo do estilo Gótico na Europa, sua estrutura revela que sua simbólica evoca uma profunda religiosidade, assim como a catedral de Chartres, ambas localizadas na França. Diversos estudos têm sido realizados nas catedrais góticas para uma maior compreensão da sua simbólica.

Figura 1: A Catedral de Notre Dame de Paris.



(Acervo do Autor)

O Gótico foi o estilo arquitetônico que imperou durante este período. Lurker (2003) admite que este se tornou o melhor estilo para traduzir a espiritualidade do homem medieval. O autor reporta tal estilo em seu sentido simbólico:

O símbolo central de qualquer catedral consiste em que Jerusalém celeste desce à terra, como descrito em Ap 21,1-3. Durante o ritual de consagração de todas as catedrais e igrejas, esta passagem era sempre lida. Desde a destruição de Jerusalém por Tito e suas legiões, cada igreja simbolizava uma nova Jerusalém espiritual, o monte Sião e o centro sagrado em torno do qual se desenrola a vida religiosa dos fiéis. A peculiaridade visual do exterior das catedrais góticas manifesta-se na medida irregular de suas torres, pequenas torres e decorações, sem falar de sua imponência que se sobrepunha a tudo que existia nas cidades medievais, comparável à montanha numa planície. A fachada oeste é sempre um símbolo da morte, e por isto encontram-se muitas vezes cenas que representam o Juízo Final sobre o portal de entrada (e.g., Chartres). A roseta da fachada ocidental é um símbolo do pôr-do-sol (Lc 23,44-45), enquanto o santuário do lado oriental da catedral significa a vida. Os vitrais atrás do altar simbolizam o nascer do sol ou a estrela da manhã, Jesus (Ap 22,16). Nas calhas encontram-se gárgulas grotescas, das quais as horizontais têm função prática de um cano d'água; em contrapartida, as verticais só podem lembrar os fiéis de uma

tentação do diabo (1Pd 5,8; 1Jo 5,19) (LURKER, 2003, p. 295-296).

A explanação do autor é fundamental para compreender o estilo arquitetônico Gótico, além de mencionar o espírito religioso do homem medieval. Campbell (2009) lembra que o pensamento teocêntrico imperou na cultura europeia medieval, sendo que este pensamento é explícito na construção de uma catedral gótica. Toda sua simbólica deseja revestir-se da evocação de um plano superior, da “imitação” do Reino dos Céus na terra. Este estilo arquitetônico deseja representar o macrocósmico no microcósmico.

Com efeito, estes dois termos são estudados por autores que dedicaram-se ao estudo da cultura medieval e renascentista. Cassirer (2004) é um desses estudiosos. O autor discute a ideia de macrocósmico e microcósmico, mostrando-nos que a ideia central reside no fato da crença de que nós, seres humanos, somos o microcósmico, ou seja, um pequeno reflexo do macrocósmico que corresponde ao plano superior, o universo de modo geral. Um exemplo reside na própria crença astrológica de que os astros regem nossas vidas, vindo até ao arquiteto gótico que projetava às catedrais com a perspectiva do Reino dos Céus, conhecido como Jerusalém Celeste.

É válido lembrar, como apontei em estudo anterior (RODRIGUES, 2014), que a compreensão exata da simbólica das catedrais góticas está longe de ser totalmente solucionada. A dificuldade não reside, em si, na compreensão da estrutura de tais monumentos, visto que há um consenso geral de que a proporção de tais catedrais estava incutida dentro de perspectivas da simbólica da chamada “Geometria Sagrada”, que analisaremos logo mais. A dificuldade reside em compreender as imagens e símbolos que ornaram a grande maioria das catedrais góticas. Tais símbolos, muitas vezes, não são frutos da simbólica comunal do Catolicismo, pelo contrário, evoca outras místicas como a pagã, por exemplo.

É neste cenário que surgem à figura dos pedreiros medievais. Butler e Ritchie (2006) mencionam que estes pedreiros eram conhecidos como *mason*, em

inglês e *maçon* em francês, e em português: *maçom*, que significa pedreiro, aquele que trabalha com a pedra. Jacq (1980) menciona que os grupos de *maçons* formavam uma forte confraria por toda a Europa, sendo eles especialistas na construção e decoração das catedrais e outros monumentos medievais em estilo Gótico.

Esses pedreiros, assim como o modelo de homem medieval, eram comprometidos com a religião Católica. E a religiosidade está explícita na arquitetura dos monumentos que construía. Os pedreiros eram profundos conhecedores do que hoje é conhecida como “Geometria Sagrada”. Pennick (1980) discorre sobre esse conceito de Geometria Sagrada, explicando que a Geometria, que significa o ato de medir a terra, fora considerada como sagrada, pelo fato de que com a matemática era possível medir elementos da natureza, ou seja, elementos da própria criação divina. A Geometria passou a ser considerada uma “arte divina”, e foi amplamente utilizada na geometrização das catedrais medievais, com o intuito de, como mencionou Cassirer (2004), representar o plano macrocósmico no microcósmico.

A figura 2 pode bem ilustrar o que temos argumentado aqui, a imagem é uma representação da Geometria da Catedral de Milão. A Geometria é aqui conhecida como *ad triangulum*. Os pedreiros utilizavam de formas geométricas bastante específicas para formarem harmoniosas disposições arquitetônicas.

Pennick (1980) perpassa toda a História da Geometria Sagrada desde os mesopotâmicos aos pedreiros medievais. Ele aponta que um dos nomes mais famosos, que se utilizou da Geometria, tornando-a como elemento sagrado, foi o famoso arquiteto Vitruvius. Quanto às catedrais medievais, ele pondera:

As catedrais medievais são a mais fina flor da arte da geometria que se desenvolveu na Europa. As manifestações físicas da *summa theologiae*, a incorporação microcósmica do universo criado, as catedrais em sua forma completa perfeita, unidas em suas posições, orientações, geometria, proporção e simbolismo, tentam criar a Grande Obra - a unificação do homem com Deus. Tem-se observado que muitas catedrais, como as de Canterbury, Gloucester e Chartres, foram construídas no sítio

2.2 A Maçonaria operativa entre símbolos e segredos

Jacq (1980) admite em seu livro *“A Mensagem dos Construtores de Catedrais”* que as mencionadas catedrais góticas permanecem um mistério arquitetônico, sobretudo por suas precisões matemáticas exatas, e as proporções que equilibram o edifício. O autor não tem dúvida de que os construtores dessas catedrais, embora muitas vezes iletrados, possuísem conhecimento da matemática dos antigos egípcios, gregos e mesopotâmico. O mesmo autor julga que estes pedreiros, ou maçons operativos, tinham profundos conhecimentos em Astrologia e Astronomia. Esta afirmação é proposta, sobretudo por Heath (2010), ao mencionar que muitas catedrais medievais da Europa estão alinhadas com constelações planetárias, sendo estes alinhamentos típicos da chamada Geometria Sagrada.

Um exemplo da possibilidade de que esses pedreiros, de fato, possuíam conhecimento em Astrologia/Astronomia, está na construção da Capela Rosslyn, em Edimburgo, Escócia. Butler e Ritchie (2006), que estudaram por anos essa Capela, afirmam que o monumento está todo construído seguindo leis astronômicas, que seguem a movimentação do sol. Segundo os autores, essa comprovação pode ser feita mediante a análise de como o sol ilumina a Capela durante o solstício e o equinócio.

A tradição da Geometria Sagrada e a construção de edifícios segundo a ordenação dos astros não se limitou à Idade Média, mas se expandiu por muitos séculos. Um exemplo desta tradição pode ser encontrado na construção da capital americana Washington como afirma Ovason (2009). Grande parte da capital americana fora construída segundo ordenações astrológicas, as datas da fundação dos maiores monumentos como a Casa Branca e o Capitólio ocorreram em significativos dias para a Astrologia, sobretudo nos dias representativos do signo da constelação zodiacal de *Virgo* ou Virgem.

Importa-nos, agora, voltar à atenção para a expressão “Maçonaria Operativa”. Como mencionado, o termo “maçom” significa pedreiro e,

portanto, passou a ser um termo comumente utilizado na época das referidas construções. Jacq (1980) comenta que as evidências remetem que, por um senso lógico, esses pedreiros eram altamente versados na arte de construção e em conhecimentos esotéricos. Como afirma Fulcanelli (2007), todo o conhecimento das agremiações dos maçons operativos eram passados em forma sigilosa.

Estas ponderações, de fato, podem surtir um sentido lógico. É fato que durante a Idade Média, todo o conhecimento estava nas mãos da Igreja Católica, os indivíduos letrados eram poucos. O desemprego estava em alta e a construção de catedrais, e outros monumentos, se tornava uma boa opção para muitos homens. No entanto, não havia, logicamente, trabalho para todos. Como afirma Musquera (2010), e como mencionado durante este estudo, os pedreiros tinham profundo zelo por sua profissão, na tentativa de construírem a catedral mais harmônica possível. Para protegerem a nobre profissão de talhar em pedra e dos ensinamentos em Geometria que eles possuíam, acharam por bem manter a arte da construção em segredo, segredo este partilhado somente entre os pedreiros das ditas corporações.

Estudiosos como Musquera (2010), Fulcanelli (2007) e Jacq (1980) acreditam que esses clubes de pedreiros formaram uma verdadeira sociedade iniciática, ou seja, para se tornar um indivíduo versado na arte de Geometria seria necessário passar pelo processo de iniciação ritualística que marcava, simbolicamente, a entrada de um novo membro para a guilda. O iniciado que recebia o título de aprendiz, jurava manter segredo sobre tudo o que aprenderia, jamais revelando para os que não fossem pedreiros iniciados.

Karg e Young (2008) exploram a existência de manuscritos históricos que atestam a existência da sociedade dos pedreiros (maçons) operativos. Um desses documentos é conhecido como *Manuscrito Cooke* e outro, como *Estatutos de Schaw*. Sobre esses documentos podemos alegar que, de fato, as mencionadas guildas de pedreiros existiram e que, para se tornar um membro, era necessário demonstrar conhecimentos em Geometria, além de passarem por uma iniciação.

Karg e Young (2008) estão convictos, assim como outros estudiosos, de que as agremiações dos pedreiros medievais, que se formaram em boa parte da Europa, além de possuírem o conhecimento em Geometria, também conheciam profundamente aspectos de simbolismo místico e esotérico, sendo que tal conhecimento era amplamente difundido na ornamentação de monumentos, sobretudo, em catedrais.

Sabemos que durante a Idade Média todo o saber que não estivesse ligado aos dogmas do Catolicismo era rapidamente suprimido. O Paganismo fora suprimido pelo Cristianismo; qualquer prática ou estudo de práticas pagãs eram proibidos. Os pedreiros, além de possuírem antigos conhecimentos em Geometria, oriundos do mundo pagão, podem, de fato, terem tido contato com a mística e com o simbolismo pagão.

A suposição de que tais pedreiros tinham conhecimento esotérico pode ser atestada pelo próprio conhecimento astrológico que os mesmos utilizavam durante a edificação, como exploramos anteriormente, e a utilização da mencionada Geometria Sagrada. Não é possível atestar com rigor científico de que estes pedreiros, de fato, tinham conhecimentos esotéricos (RODRIGUES, 2014). Muitas das evidências nos mostram que a probabilidade é muito grande, visto a simbologia queorna diversas catedrais góticas. Tal simbologia se distancia dos ensinamentos cristãos, embora, muitos símbolos pagãos foram adaptados para o contexto cristão.

A ideia é fortemente defendida por Murphy (S/D) que estudou uma das mais enigmáticas capelas da Europa, a Capela Rosslyn. Para o autor, é certo que os pedreiros medievais, além de formarem uma forte agremiação de construtores, eram fortemente versados em “artes” como a Astrologia, Cabala e Alquimia, sendo que todo este conhecimento era difundido, de certa forma, na simbologia das mencionadas construções, sendo a Capela Rosslyn, o exemplo mais notável. A figura 3 faz conexão com as ponderações de Murphy, quando analisamos os símbolos da Capela Rosslyn. Os símbolos da Capela estão longe da “típica” teologia do Cristianismo. Um exemplo é o “Homem Verde”,

registrado na foto. Segundo especialistas, tal símbolo pode ser uma influência da antiga religiosidade céltica.

A figura 4 também é um exemplo curioso da simbólica da Capela Rosslyn. Aqui encontramos três distintas colunas que são denominadas de colunas do Aprendiz, Companheiro e Mestre, correspondendo aos três graus entre as classes dos pedreiros. Estes três graus se encontram, atualmente, dentro da ritualística maçônica, o que fornece margem para mais especulações e teorias. A ideia também é desenvolvida por Musquera (2010).

Com o passar dos séculos, ermidas, igrejas e catedrais, estas últimas na época do apogeu máximo da Idade Média, conservaram em sua iconografia aqueles conceitos considerados secretos, ocultos, procedentes de cerimônias, rituais e iniciações ancestrais que haviam ficado na memória do acervo popular e que as novas imposições eclesiásticas não conseguiram apagar com seus dogmas e credos. Os templos passaram a ter o mesmo significado ancestral. O solo ladrilhado era a Terra e as nervuras, contrafortes e outros elementos arquitetônicos que sustentavam a abóboda representam o Céu. É precisamente na Idade Média, com o surgimento do Românico e, posteriormente, do Gótico, que se produz uma eclosão iconográfica, herança dos mestres construtores que nos permitirá descobrir como tais representações esculpidas na pedra guardam conhecimentos que possuem distintas interpretações e leituras. (MUSQUERA, 2010, p. 14-15).

Figura 3: “Homem Verde”, Catedral Rosslyn



(Acervo do autor)

Figura 4: Três colunas, no interior da Capela Rosslyn



(Acervo do autor)

Ao se tratar desses “estranhos” símbolos, surgem muitas especulações e teorias. Por isso, do ponto de vista acadêmico, é difícil defender a tese de que os pedreiros medievais guardavam, além da arte de construção, supostos segredos que versavam sobre conhecimentos místicos e esotéricos, embora os símbolos de dezenas de diversos monumentos da cristandade medieval forneçam embasamento para tal tese.

Para a maioria de acadêmicos, estudiosos da História da Arte e pesquisadores em geral, os conhecimentos que os grêmios medievais possuíam correspondiam simplesmente ao domínio de seus ofícios ou profissão e pouco mais. A simbologia e o possível esoterismo de rituais e cerimônias a eles atribuídos não são mais do que conjeturas, hipóteses sem fundamento ou inclusive fantasias que foram surgindo com o tempo, principalmente por causa dos autores Românicos e, sobretudo, da Franco-Maçonaria, que tem buscado neles argumentos para embasar sua antiguidade e autenticidade (MUSQUERA, 2010, p. 33).

Embora o citado autor, juntamente com Murphy (S/D), Fulcanelli (2007) e Butler e Ritchie (2006) sejam partidários da tese de que os mencionados pedreiros tinham conhecimentos esotéricos, o argumento acadêmico também tem seu fundamento, devido à falta de documentos que atestem estes

conhecimentos esotéricos. Os acadêmicos também estão certos ao concluir que muitos dos símbolos pagãos foram incorporados na tradição cristã, o que poderia justificar o surgimento destas “estranhas” figuras pagãs, em ambientes totalmente cristãos. No entanto, os debates ainda permanecem e um consenso está longe de ser estabelecido.

Os teóricos defensores da tese de que os símbolos são, de fato, característicos de um conhecimento esotérico entre os pedreiros medievais admitem que a falta de documentação sobre os significados dos símbolos reside no próprio fato de que estes sujeitos guardavam segredo do que conheciam e eram inaptos para escreverem algo, já que sua grande maioria consistia de analfabetos.

2.3 Marcas na pedra: evidências da maçonaria operativa

Discutimos, até o presente momento, a existência da respeitada confraria de pedreiros medievais que, de certa forma, podem ser classificados como maçons operativos, levanto em conta a etimologia da palavra maçom. Portanto, a existência da Maçonaria Operativa é um fato na História. No entanto, deve-se haver cuidado ao mencionar a Maçonaria Operativa, a antiga confraria de construtores de catedrais, da atual Maçonaria Simbólica. O cuidado reside na confusão em que o estudioso possa fazer destas duas Ordens³. Para que tal engano não ocorra, é importante esclarecer as diferenças entre dois “tipos de Maçonarias”.

A Maçonaria Operativa, como temos estudado, consistiu-se nas confrarias de pedreiros (maçons) que trabalhavam na pedra, no planejamento e

³ Em estudo anterior (RODRIGUES, 2014), foi mencionada a possibilidade de que o Mosteiro dos Jerônimos em Portugal, que data do final da Idade Média, tenha sido construído pelos maçons operativos. Logo, advieram críticas constando que se entregava, sem nenhuma prova documental, a tutela deste importante patrimônio português aos maçons. De imediato foi esclarecido que o Mosteiro dos Jerônimos em nada tem a ver com a atual Maçonaria, e que mal entendidos levaram à concepção de que a antiga Maçonaria Operativa se identifica com a Maçonaria Especulativa.

execução de diversos monumentos em estilo gótico, durante a Idade Média, principalmente nas catedrais. (JACQ 1980). Por sua vez, a Maçonaria Simbólica ou Especulativa, tal como temos hoje, reveste-se do simbolismo dos maçons construtores. O mito maçônico prega sobre suas origens nas confrarias dos maçons operativos. No entanto, a Maçonaria atual nada mais constrói fisicamente como outrora, mas prega a construção do próprio maçom, simbolizando em seu aperfeiçoamento intelectual, espiritual e moral. Como aponta Roberts (2012), quando mencionamos sobre o mito maçônico não creditamos que seja uma mentira. Muito pelo contrário, a Maçonaria atual pode mencionar suas origens nas confrarias dos pedreiros medievais, visto que é uma hipótese bastante plausível. Porém, deve-se ater às diferenças entre essas duas Ordens ainda que se admita a possibilidade de herança de uma em relação à outra.

De fato, existem documentos que atestam grande possibilidade da herança entre Maçonaria Operativa e a Maçonaria Especulativa. Nosso foco, entretanto, é ater-se na comprovação da existência das confrarias dos pedreiros medievais, que formavam um clube iniciático e de profundo estudo/aprendizado nas artes da Geometria e da Arquitetura.

Embora muitos autores se voltem para os complexos símbolos esotéricos encontradas nessas catedrais e tentam, de todas as formas, provarem que as agremiações possuíam conhecimentos religiosos milenares, Prescott *et al.* (2011) chama-nos a atenção para singelas marcas encontradas, geralmente, nas pedras sem ornamentação das estudadas construção.

Essas marcas existem; porém, como indicam Gandra *et al.* (2001), não são símbolos, são meros sinais indicativos. Em todo caso, os mesmos especialistas estão convictos de que os pedreiros medievais formavam um forte grupo na sociedade, caracterizado por profundos conhecimentos em matéria de Arquitetura e simbolismo.

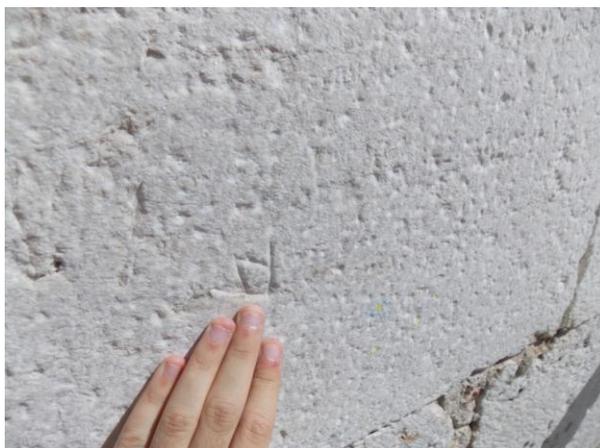
[Essas marcas] têm sido consideradas como siglas simbólicas, visto que, naquele tempo, os canteiros e pedreiros se

encontravam associados e iniciados secretamente nos segredos difíceis dos seus ofícios. Deste modo, eram os únicos capazes de construir esses ousados edifícios, esses monumentos extraordinários que, ainda hoje, suscitam a nossa maior admiração, conquanto já não seja um mistério conhecer as regras da estereotomia, nem a maneira de dar a estabilidade necessária à solidez destes edifícios grandiosos, deixados pelas gerações extintas, do séc. XI ao séc. XIV, merecedoras do nosso elogioso tributo (GANDRA *et al.*, 2001, p.5).

Tudo aponta que estes sinais indicavam cada maçom (pedreiro) que trabalhava na obra, ou seja, cada um deles possuía sua marca própria. Os trabalhadores marcavam as pedras que tinham talhado/trabalhado, auxiliando a conferência do mestre de obra. Tal prática também facilitava o pagamento pelos serviços prestados. A figura 5 é um exemplo destes sinais. A presente imagem apresenta uma singela e pequena marca, na estrutura do Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa. Todo o Mosteiro está adornado com estes sinais em pedra. Os sinais variam entre números romanos, signos do zodíaco entre outros. Simbolicamente, o presente sinal aparenta ser um esquadro e um compasso.

Em uma verificação empírica, comprovamos a existência destes sinais estenografados nas mais diversas catedrais espalhadas pela Europa. Em Portugal, por exemplo, encontramos em diversos monumentos religiosos, como em Lisboa, Faro, Coimbra e Porto.

Figura 5: Sinais encontrados na estrutura do Mosteiro dos Jerônimos.



(Acervo do autor)

Estes sinais são fortes indicadores da organização dos pedreiros medievais. Todos os autores estudados neste artigo indicam que tais pedreiros formavam um ramo de atividade, uma classe de trabalhadores, muito forte na época. Também concordam que mantinham segredos sobre questões relativas ao trabalho em pedra, sobre medição arquitetônica e que para ser admitido ao clube de trabalhadores era necessário, além de demonstrar habilidade em construção, passar por uma iniciação que, para muitos estudiosos, tinha um caráter sacro-esotérico.

Stavish (2011) está convencido que a própria estrutura arquitetônica das catedrais, com suas imensas rosáceas e simétricos vitrais, são uma prova substancial de que estes pedreiros tinham conhecimento esotérico, pois, todas essas proporções, como vimos, são hoje mencionadas como Geometria Sagrada. Para exemplificar, o que chamamos de Geometria Sagrada, podemos mencionar a ampla utilização do *Pi* e do chamado “número de ouro”, amplamente estudado pelo matemático italiano Fibonacci.

O autor acredita que seja com essas sequências numéricas que os construtores acreditavam que podiam glorificar a Deus, através da representação do macrocósmico em números e medidas caracterizando a Geometria Sagrada. As proporções sagradas, por assim dizer, estariam representando proporções da própria natureza e do próprio cosmos. Não seria fácil um estudioso, versado na área de humanas, explicar com exatidão o “funcionamento” destas sequências numéricas que estão embutidas nestas construções. Esse complicado entrelaçamento entre Geometria e sacralidade pode ser bem ilustrado quando se estuda, por exemplo, a Sequência Fibonacci. No entanto, encontramos diversos autores que estão convencidos de que os construtores medievais possuíam conhecimento esotérico, formando um verdadeiro clube filosófico.

Arola (1986), eminente professor da Universidade de Barcelona, é um desses convictos estudiosos que acredita na existência de conhecimentos místicos entre as agremiações. Argumenta-se que a falta de documentação é

prova de que eles guardavam segredo sobre o ofício, sendo que todas as instruções eram passadas por via oral.

Arola (1986), após estudar diversas catedrais medievais, concluiu que elas são um espelho que reflete o desejo do pedreiro em espelhar a obra do Criador em um monumental e bem simbólico edifício de pedra. O mesmo autor está convencido que os canteiros de obras, além do trabalho braçal, formavam um clube filosófico. Além do trabalho em pedra, o pedreiro era convidado para trabalhar sua própria interioridade, lapidando sua pedra, ou seja, sua própria conduta existencial.

A imagem 6 pode ser um complemento com a tese de Arola (1986). Jung (2008), discutindo os símbolos das catedrais, concluiu que a rosácea é o símbolo máximo da perfeição, da totalidade sendo o símbolo da própria divindade. A simbólica da rosácea, de fato, revela a plenitude, o todo, e pode indicar as etapas de desenvolvimento psíquico do homem, segundo a teoria junguiana.

Sobre esse aspecto, mantemo-nos neutros perante o enigma da suposta existência de sabedoria mística entre os maçons medievais. Mesmo sabendo que tal teoria tem ganhado espaço no meio acadêmico, e com um pouco de inclinação em aderir à ideia, ainda permanecemos com uma “postura freudiana”, com o receio de “construir uma estátua de ferro com bases de barro” (FREUD, 2006). Por fim, o mistério sobre a existência de conhecimento esotérico entre os pedreiros medievais, ou maçons operativos, permanece ainda um enigma histórico, que precisa ser ainda investigado, como afirma Musquera (2010), ao refletir sobre o mundo dos símbolos e a mensagem deixada pelos antigos construtores:

Alheio ao mundo dos símbolos e em consequência ao seu significado, o mundo moderno não nos permite dilucidar o mistério que pode envolver essas formas que possivelmente estão transmitindo chaves que desconhecemos. As fraternidades medievais legaram mensagens pétreas que representam uma linguagem própria que não sabemos interpretar. Geralmente, essas marcas de cantaria são de escassa profundidade, e sua dimensão oscila em torno de dez

centímetros. Essa escassa profundidade tem feito com que, com o passar do tempo, muitas delas sejam quase irreconhecíveis, sendo que outras já desapareceram diante da ânsia de algumas administrações de “limpar” o patrimônio local, executando autênticas barbaridades.

De tudo isso, temos apenas uma vaga lembrança, uma ligeira intuição, talvez impressa no nosso chamado inconsciente coletivo, que nos faz suspeitar que a alma da pedra, em sua mudez de séculos, guarda uma lição ou uma mensagem. Resta muito caminho por percorrer e muita pesquisa de campo por realizar, para tentar saber um pouco mais sobre os signos lapidários. Sempre teremos a suspeita de que aqueles grêmios medievais artesanais deixaram para trás indícios, pistas e sinais, que contêm conhecimentos que merecem ser descobertos e analisados de todos os pontos de vista possíveis. Na atualidade, sabemos como e quando, mas talvez, um dia não muito distante, também descubramos o porquê de tudo isso (MUSQUERA, 2010, p. 115).

Figura 6: uma das rosáceas da Catedral de Notre Dame de Paris.



(Acervo do autor)

Considerações finais

Os resultados de nosso estudo sobre as possíveis origens da maçonaria foram sendo tecidos durante o desenvolvimento do trabalho. De modo geral, não é possível atestar, com rigor científico que os pedreiros medievais possuíam, de fato, conhecimento esotérico, servindo-se dele para infundir, ocultamente, doutrinas místicas na ornamentação das catedrais góticas. Quando realizamos uma visita a uma destas catedrais, tomados por sua beleza e seus símbolos, somos instigados a admitir que seus construtores tiveram uma forte espiritualidade e que tal edifício representava, para os medievais, o eixo do mundo, ou o *axis mundi*. Essa espiritualidade pode, sim, ser comprovada pela própria precisão matemática que estas agremiações tinham e pelo cuidado em admitir um novo membro para a consecução de um monumento.

Mesmo quando olhamos para as abóbodas do Mosteiro dos Jerônimos e supomos facilmente que lá se encontram desenhados simetricamente os *Sephiroth* da Cabala judaica, nossas convicções se perdem com a falta de documentação que corrobore a analogia. Muitos estudiosos estão convencidos que as estruturas em estilo Gótico são uma prova cabal da existência desses conhecimentos místicos. Porém, o cientista, que se vale de comprovações escritas, abstém-se ante a falta de tal documentação.

Por fim, vale lembrar que explorar as guildas dos pedreiros medievais é explorar parte da História da atual Maçonaria Especulativa. Como já mencionado, ainda que as duas Ordens sejam distintas, é possível encontrar elementos plausíveis para a origem da maçonaria, em meio aos trabalhos dos maçons operativos. Há ainda muito material para ser analisado com o intuito de que mais luz possa ser lançada sobre o tema, cuja investigação tem, na interdisciplinaridade das ciências humanas, as melhores chaves para esta jornada.

Referências

- AROLA, R. *O Simbolismo do Templo: o espelho da contemplação. A Intersecção entre Céu e a Terra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1986
- BUTLER, A.; RITCHIE, J. *Roslyn Revealed: a library in stone*. Winchester: Books, 2006.
- CAMPBELL, J. *As Máscaras de Deus: mitologia criativa*. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- CAMPBELL, J. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- CASSIRER, E. *A Filosofia das Formas Simbólicas: II o pensamento mítico*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FREUD, S. *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FULCANELLI. *O Mistério das Catedrais*. São Paulo: Madras, 2007.
- GANDRA, M; et al. *Siglas e Marcas Lapidares: subsídio para o corpus lusitânico*. Lisboa: Cadernos da Tradição, 2001.
- HEATH, R. *Geometria Sagrada e as Origens da Civilização*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- JACQ, C. *A Mensagem dos Construtores de Catedrais*. Lisboa: Instituto Piaget, 1980.
- JUNG, C. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KARG, B.; YOUNG, J. *O Livro Completo dos Maçons*. São Paulo: Madras, 2008.
- LURKER, M. *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MUSQUERA, X. *As Chaves e a Simbologia na Maçonaria: ocultismo medieval*. São Paulo: Madras, 2010.
- MURPHY, T. *The Templar Legacy: the masonic inheritance within rosslyn chapel*. Roslin: The Friends of Rosslyn, s/d.
- OVASON, D. *A Cidade Secreta da Maçonaria*. São Paulo: Planeta, 2009.
- PENNICK, N. *Geometria Sagrada: simbolismo e intenção nas estruturas religiosas*. São Paulo: Pensamento, 1980.
- PRESCOTT, A.; et al. *A História da Maçonaria da Marca*. São Paulo: Madras, 2011.
- ROBERTS, J. *A Mitologia das Sociedades Secretas*. São Paulo: Madras, 2012.

RODRIGUES, Marcel. *A Simbologia nos Monumentos Históricos de Portugal: Um Estudo da Passível Presença de Simbolismo Maçônico*. Fragmentos de Cultura, Goiás, n. 24, p. 23-35, jan/mar.2014. Disponível em:
<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/view/3198/1912> Acesso em: 25/09/2014

RODRIGUES, Marcel. *A Queda do Simbólico na Vida Contemporânea: Uma Interpretação da Relação dos Sujeitos com os Símbolos da Igreja Matriz de Americana*. Revista Último Andar, São Paulo, n. 21, p. 122-144, março. 2013. Disponível em:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13987/10293> Acesso em: 20/09/2014

STAVISH, M. *As Origens Ocultas da Maçonaria*. São Paulo: Pensamento, 2011.

Artigo recebido em 05.08.2014
Artigo aprovado em 31.10.2014